

Gravado

PRO C E S S O D E C O N S C I E N T A Ç Ã O

Almeida, Luiz Sávio de

SIMANA NACIONAL DO MEB = RECIFE = PE

" Digo pois: teria Deus rejeitado o seu povo? Não, por certo..!"  
(Romanos, 11,1).

" A Lei de Tomada de Consciência - Trata-se de uma lei de crescimento da consciência, como sinal do progresso humano, envolvendo, contudo, no mesmo tempo, perigos que lhe são ínsitos. Estou convencido de que essa lei de progressiva tomada de consciência acha-se ligada à história da civilização, em geral, mas só se verifica pouco a pouco". (Marti - tain - sobre a Filosofia da História).

" O esforço para criar uma nova manifestação de vida - quer se trate de uma nova espécie de molusco, ou uma nova espécie de sociedade / humana - raras vezes ou nunca é bem sucedido à primeira tentativa. A criação não é uma empresa fácil. Ela não obtém êxito definitivo a não ser através de um processo de tentativas e de êrros. Por conseguinte, o fracasso das experiências anteriores, longe de condenar as experiências seguintes a fracassarem por sua vêz, lhes oferecem, pelo contrário, possibilidades de êxito graças à sabedoria que se pode conseguir através do / sofrimento... através de nossos próprios esforços, temos o caminho aberto para proporcionar à história, em nosso caso, uma oportunidade nova e sem precedentes. Como seres humanos, somos dotados de liberdade de escolha, e não podemos transferir nossa responsabilidade para os ombros de / Deus ou da natureza - Nosso dever é carregá-la em nossos próprios ombros. (Toyabe - A Civilização posta à prova).

I N T R O D U Ç Ã O

Não apresentarei alguma coisa desconhecida; todos os temas tocados são comuns, manuseados por todos. Possivelmente, caso haja mérito, será êste, o de haver coordenado uma série de noções teóricas, e em Natal, levado à prática em ambiente de equipe, procurando acertar o homem com o compasso do tempo.

*70.1.1968* → *CONSCIENTIZAÇÃO*.

Pensei então, que conseguira determinar um processo de conscientização, ao qual denominei de POIÉTIZAÇÃO.

Gostaria de dizer, que não estou aqui, simplesmente, para apresentá-lo; dirigi-me para uma abertura de diálogo, a fim de que tome mais/consistência, pois à medida que cada um dá para o todo, este ganha a presença da universalidade, e mais autêntico torna-se.

O diálogo principia desde a primeira palavra; afinal de contas, existe uma constante busca da verdade na vida; e só tendo a verdade, consegue-se dar a verdade, pois o oferecimento vem da capacidade de oferecer-se; e oferecer-se em seus próprios termos.

## P A R T E G E R A L

### Noções básicas :

O homem está dentro do mundo e funde-se ao próprio esquema de / seu ambiente; somos seres aqui. Circunda-nos duas dimensões: tempo espaço. Dentro destas duas vivemos. No entanto, uma terceira nos infinitiza e dá-nos a razão de existir: a transcendência. Somos aqui em função do alí; / nos movimentamos no sentido do tempo e do espaço, mas a dinâmica do existir ultrapassa os pontos de restrição e coloca-nos em função do prisma // transcendente.

Somos inseridos neste tempo e espaço; não nos escapa a realidade de pois, somos a própria dimensão da realidade. (Existe um comprometimento implícito com a transcendência, extenso a toda humanidade e inclusive, um comprometimento temporal de origem). Uma circunstância nos envolve e / ser-completamente importa em um comprometimento com ela. O homem não pode ser considerado fora do contexto a que pertence, sob pena, inclusive, de perder sua própria caracterização e significado; contexto que é o tempo, o espaço social e o geométrico. E não pode ser considerado desengajado // porque, aqui limitado, constrói-se; edificando sua posição no ponto da / transcendência: a história dos homens parará com o julgamento final. Apresentamos então que a criação encontrará o criador e marchará ou não para/ uma reintegração. Surge a meta Negativa e Positiva da História; sendo a / Negativa o apartamento e a Positiva a integração. De sua maneira de ser na História, o homem colocar-se-á em um dos dois polos.

Para explicar este comprometimento, diremos que significa crítica e posterior tomada de responsabilidade: engajamento. O ser-completamente envolve esta posição; quando não se atinge tal nível, forçosamente, vem a palavra definidora: alienação.

Pode-se aqui, distinguir duas formas de existir: a autêntica e a alienada ambas com graus e variações. Na primeira, o homem é lógico, vi vendo de acôrdo com princípios coerentemente definidos. Na segunda, desca racteriza-se no amorfo: vive por viver. No entanto, o homem em sí, em potencial, é dono de uma dinâmica que, se explorada, o levará à desaliena-  
ção.

Interessante frizar que, ser por ser não encontra sentido, pois o fundamental é existir sendo: vivência. Neste ponto, a autenticidade de lineia-se em todo o seu contôrno e profundidade, podendo dizer-se que a-  
tinge seu climax.

A realidade é modificada a partir da reestruturação do homem, / pois êle é seu próprio e pleno dominador. Aquêles que é autêntico, caso a realidade não se ponha de acôrdo com sua noção de mundo, compromete-se e parte para modificá-la, vindo de uma críticização feita, obra de sua cons ciência.

(Acentue-se que o homem, porém, não se realiza como tal, única-  
mente em termos de tempo e espaço. Sua caracterização aqui, projeta-se e/  
explica-se na transcendência: prisma histórico originado do resgate.)

Dai nota-se a importância de contexto social. Não podemos nos / abster de sentir o mundo em todas as suas dimensões, pois, êle é nossa pn te, e de certa forma, material que utilizamos para nos construir).

Evidentemente, temos uma bipartição entre o eu e o não-eu. E' / imprescindível para a realização do eu, a utilização do não-eu. Não que / haja predominância da segunda sôbre a primeira. Mas porque somos-aqui, dn tro de uma série de não-eus, materiais e imateriais. Contexto posto à nos sa disposição quando da construção do mundo, para que o dominássemos na plenitude da realização do trabalho.

Aquêles que utiliza o oferecido, não segundo sua direção, mas na direção do mundo, da humanidade, tendo em vista o conjunto, pode receber/  
o nome de homem-social.

Contra o homem-social, apresenta-se o individual; caracterizado na história moderna, na moldura do capitalista, consumidor da energia e / do trabalho de muitos, para edificar o seu sonho de dólares.

Adianta, neste momento, uma parada e uma pergunta: pode o capi-  
talista ser autêntico, e o marxista? E' necessário fechar a linha do ra-  
ciocínio, para figurar em vêz da ideologia, os termos precisos de HOMEM.  
Afirmo que o marxista e o capitalista traem sua origem; traem-se anquanto  
homens em sí. No entanto, o seguidor de Marx tem mais um ponto de cotação,  
pois, caso engane-se na concepção da verdade, pelo menos tem diante de sí  
a visualização de uma sociedade futura, baseada na repartição das riquezas.

Bem, êste homem habita dentro de um tempo e de um espaço; à medida que êle consome tempo e incide sôbre o espaço, constrói a história, // força a cultura, e elabora a civilização.

A vida é um sucessivo esgotar de tempo. À medida que se vive, comete-se ações que podem consubstanciar-se na própria ação ou na omissão. / O homem age, movimenta-se para construir e, por mais paradoxal que pareça, infalivelmente, sua ação é orientada para a construção.

Falaremos agora, sucintamente, sôbre o mecanismo da história, orientando o estudo para o tema: politização.

É evidente que o homem vive. E, abstraindo-se qualquer discussão sôbre os motivos, as finalidades do viver, veremos que a vida é findar o tempo; tempo que apresenta-se dividido em três partes fundamentais: presente, passado e futuro.

Seria visão simplista das coisas, pense nestas três partes como estanques. Pelo contrário, acham-se implicadas em incrível processo de inter-comunicação, ao qual daremos o nome de processo histórico, e no qual compreende-se, também, a ação do homem.

As ações patenteiam-se no hoje, no agora, no momento presente. / No entanto, tendo em vista a harmonia que existe no espaço social, e considerando-se a existência do reflexo da ação - ou suas implicações sociológicas, históricas, econômicas, políticas, etc - temos que, do agir no agora, haverá implicações em outro tempo e no espaço social, que serão reflexos. Logicamente, em termos restritos de tempo, devisamos aqui, que o reflexo do agora é o após.

Paulatinamente, sua ação vai caracterizando a própria imgem ambiental, explicitando os traços fundamentais de sua maneira de ser; e assim constrói um todo complexo, espelho de si, forma a cultura.

O homem tem capacidade de sair de si, e projetar-se contra o mundo. Por outro lado êle vive na sociedade, e para sobreviver tem que se intercomunicar com os homens; e saindo de si, projetando o seu espírito cria dor nas coisas, e intercomunicando-se, estruturando padrões de conduta, / organizando sistemas de troca, firmando-se em suas crenças, e colaborando suas leis; será o homem fazendo a cultura.

Cultura então, será algo tão complexo como a vida mesmo dos homens; terá em si, diversas secções, fundamentalmente ligadas, funcionando em interdependência de maneira tal que, devido ao processo harmônico, uma modificação na parte, possivelmente poderá trazer transformações ao todo.

Existe um eixo central coordenando a movimentação do todo: o próprio homem. Será deste eixo, a partida para a compreensão do núcleo cultural que é caracterizado, em suma, pela visão consciente ou não, que o próprio homem tem de si e do mundo.

E' de se acreditar, que neste sistema existam partes mais sensíveis e menos sensíveis às modificações, sendo que as primeiras influirão, por serem pontos críticos, de maneira categórica, na modificação do todo.

Caso exista predominância de uma visão dentro de um processo social, conseqüentemente, esta será o núcleo da cultura, pelo reflexo da // concepção que informou o agir. Há de compreender aqui, o viver-se num mundo pluralista e puralista há de ser, enquanto o homem for homem. Poder-se-á então, perguntar: "Onde se colocarão as concepções dos dissidentes da/ maioria?) Devem ser colocados como em circulação ao redor do núcleo e em constante movimento antagonista, projetando-se contra o cerne e aspirando tomar seu lugar, mormente quando ideologias; o núcleo é variável em sua / configuração.

Percebe-se que cultura é incategórica, adogmática e em constante dinâmica. Não se deve esquecer controle social, como elemento implícito / na cultura e que pode retardar a evolução ou involução cultural, em vista agora, numa concepção moral.. Para alguns, dinâmica estabelecida segundo processo mecânico, obdecendo a círculos dialéticos que, projetando-se no tempo, infalivelmente conspira uma sociedade que os homens no // presente já conhecem, e que terá uma cultura dogmáticamente estruturada.

As tentativas totalitárias visam aniquilar a flexibilidade da // conduta humana, dogmatizando a cultura, colocando-a na roupa do chapamento pelo Partido, pela opinião do Estado, pela religião, indo contra a profunda característica humana - a liberdade.

Nas democracias, formalmente democráticas, existe a tentativa do dógma afirmado por elite dominante, quer política, quer econômica, contra riando o próprio interêsse do alicerce do regime - o popular - o que provoca tensões e mais tensões, oriundas das contradições internas, o que po de provocar choque revolucionário.

A militarização, no totalitarismo, impede o aparecimento, às cla ras, das tensões; e de certa forma impede também, o acesso ao núcleo, prin cipalmente quando empregados processos de massificação.

Os valores culturais transmitem-se no tempo, apresentando-se como a herança social. Novos valores que vão surgindo, incorporam-se ao to do; outros simplesmente ganham caducidade; havendo um decréscimo, e por/  
<sup>vezes</sup> seus sentidos aumentam ou diminuem de intensidade, etc.

E' certo que todos os homens cooperam na formação do sistema cul tural; no entanto, de acôrdo com a intensidade da participação podemos en quadrá-los como elite e pelo comum; efetivando, geralmente os primeiros, /

as mudanças mais substanciais; qualificando-se como condutores.

Ocorrendo as transformações, mormente realizadas por esforços // das elites, tem-se que o termo comum pode quase que, totalmente, ficar alienado, através da persistência em si de valores superados; passando a agir em tempo presente com substrato predominantemente passado; havendo, // dentro da sociedade, dualismo cultural.

Assim, o fator alienante da sedimentação cultural apresenta-se // como fato gerador de desagregação da marcha dos homens na história, em termos de igualdade, pois aparece a dominação da elite que assume disposição ditatorial.

A ilicitude do desvinculamento impossibilita a igualdade comunitária que se deve pronunciar em entrosamento normal da elite com o popular, desaparecendo de certa forma, os dois e, conseqüentemente, nascendo a cultura do Homem, em seus plenos termos, onde se terá que a cultura do Sapateiro e do Doutor não aparecerão como inferior ou superior, e sim como CULTURA, PROJEÇÃO DO HOMEM NO TEMPO E NO ESPAÇO.

A popular é encarnação, simples e clara, do espírito do povo. // Vem duma gestação continua através dos tempos; trata-se de um complexo afogado na criação anômima, incorporada e definidora de um povo. Origina-se nos séculos das inspirações populares, consubstancia-se em um gesto, // em tradições e costumes; pode prevalecer em si o aspecto, unicamente, mental ou apresentar-se na projeção do indivíduo sobre a matéria, modelando-a por seu próprio espírito criador; transmitindo-se por si só em processos de alto-propulsão, tendo na espontaneidade de sua dinâmica, um dos mais // patentes de seus traços característicos.

A de elite é aquela calculada nas entrelinhas do labor intelectual; com veleidades de rigor científico e fincada nos labirintos doutrinários encarcerada na compreensão dos "escolhidos", transmitindo-se por processo // onde se encontra a intensão deliberada; tendo os seus tempos nas Academias, Universidades...

Seria simplista afirmar a superioridade de um sobre o outro: tanto é importante a popular quanto a da elite.

A cultura de elite, advinda da inteligência, inegavelmente condutora, se parte de si mesma, constitui-se fator alienante por serrar-se em si e ao pensar que por si e para si, gira o processo social. Por outro lado, caso parta do popular - a verdadeira função da elite é ser popular - em um perfeito entrosamento com aquele e quem deve servir, autêntica-se pois considera-se dentro de sua verdadeira missão: servir ao povo do qual é nata.

Uma verdadeira cultura será a combinação harmônica dos dois pontos. A elite, cultuada e cultuando-se, torna-se instrumento de dominação/ pois nutre-se de sentido imperialista; quando houver entrocamento perfeito brotará a cultura comunitária, característica daquela civilização que buscamos construir.

O homem age; repetimos . ser o agir manifestação fundamental de vida, construtor do processo social e histórico; o estaticismo não caracteriza o mundo.

Entremos em considerações sôbre o agir:

A primeira peça que temos na mão é o agente: ~~homem~~ <sup>se</sup> quem ~~movimenta-se~~ por estímulo exterior ou interior. Não se pode conceber qual e sentido / em que se orientará, estando o campo das previsões, obscurecido. No entanto, pode-se através de um estudo sistemático de tipo, prever por analogia qual será sua reação frequente a qualquer fato.

Deverá haver alguém ou algo sôbre o qual recaia a ação; lógicamente divisa-se o objeto. Ora, sendo o objeto um quadro social, da ação / advirá um movimento com reflexos futuros.

De modo geral, consciente ou inconscientemente, existe uma visão do homem e do mundo que informa o agir: o que acha justo o "estatus quo" / ou omite-se frente ao problema da transformação radical da realidade brasileira, tem uma convicção que lhe diz ser normal o estado de guerra constante, que existe em termos das estruturas contra o humano.

Além do esposto, existe o método de agir, e instrumentos para ~~va-~~ são.

Existe um ponto do homem chamado consciência. Consciência, em seu aspecto estático, vem a ser algo natural, implícito na pessoa humana, capaz de situar o eu em sua circunstância. Daí nasce a fase dinâmica: julgamento através do dinamismo dos valores implícitos ou adquiridos pela própria consciência. Ver, julgar e agir, coisa costumeira aos nossos ouvidos. Realmente se age, mas, posteriormente, dinamismo dos valores.

Ora podemos afirmar então que, dependendo dos valores, a consciência informará o agir. (Estou falando o agir deliberado e não no gratuito / ou condicionado por reflexos). Ficou explícito que da ação nasce a cultura, e consciência com os valores, informa o agir; logo, de determinado tipo de consciência, havendo predominância, nasce o núcleo do sistema cultural.

Existem diversos tipos de consciência, classificados não de acôr com a noção de consciência em sí, mas segundo sua capacidade de julgar o / circundante do ser.

Comumente, agrupam-se em simples, ingênua e crítica se bem que, dentro, já agora em uma linha histórica, possa ser colocada a essencialmente primitiva.

A consciência simples, após a atualidade de percepção, revela-se incapaz, por excessos ou não existência de coordenação lógica de valores, de entrar numa etapa de julgamento que lhe permita uma problematização, criticização da realidade exterior e interior, pois se concebe explicitar-se, terá maiores possibilidades de compreender o mundo, tendo em vista o homem de mencioná-lo e não mundo bitola-lo; pois seria o fracasso do homem frente a matéria, e considerar o espírito, única e exclusivamente sub-produto desta, e não fator que o permite submetê-la a seus pés.

Como apresentei anteriormente, o homem é dotado de uma dinâmica própria que lhe fornece uma busca de si. Chego, até mesmo, a afirmar que a consciência simples é proto-revolucionária.

Um dia, êle procura uma explicação que se dirige adiante do misticismo, das lendas, procurando estruturar algo mais sério do que as bruxarias e os remédios mágicos, Sua sede de verdade o impulsiona; os valores não mais os satisfazem porque simples, e agora se ganha complexidade procurando um nivelamento com a explicação das circunstâncias. Começa então a evolução da consciência, o trânsito em busca da verdade.

Em certa parte há bifurcação, uma encruzilhada com placas explicativas: ingênua e crítica.

A consciência ingênua está a um passo da simples, Estrutura-se / uma ordem de valores não ainda coerente. Tem um campo de entrosamento com a realidade um pouco mais vasto que a simples. No entanto, suas explicações, seus diálogos, são enquadrados dentro de prisma que sua própria denominação patenteia: ingênua. Vem com coisa das mais estapafúrdias. Sensitiva, emotiva, em excesso, presta-se a um processo de massificação que a torna caminho dos messias, dos célebres condutores histórico, tão comuns nos países sub-desenvolvidos; adaptável e maleável, porque sem consciência, converte-se na degradação do sistema democrático.

Seu polo oposto; a crítica. Tendo o negativo, na base da inversão tem-se o positivo. E para encurtar, não falemos na crítica.

A síntese pode, de modo direto passar a ingênua, ou crítica; por sua vez a ingênua poderá passar a crítica, e mesmo, a crítica regressar para a ingênua. Nos primeiros casos, depende da formação que será levada. Pretende o processo de politização levá-las à crítica.

Pode haver a inversão da crítica para a ingênua, quando a primeira estaciona julgando-se completa; sabe-se que o processo dinâmico governa o mundo e embora exista na crítica o que há de permanente, não se atende para adaptá-la aos novos termos incorporados na equação da existência, haverá regressão.

Tomarei agora outro caminho, o da movimentação dos valores no campo histórico. Vejamos o fator tempo:

O tempo foi padronizado na divisão do presente, passado e futuro; visão simplista afirmar serem estanques, conforme apontamos no começo do trabalho.

Dentro da história nós temos valores; valores estes aos quais daremos nome de mutáveis e imutáveis. Os últimos são aqueles que permanecem/perenes, durante o decorrer dos tempos. Implícitos dentro do próprio escopo da pessoa humana. Citaremos um: o direito natural.

Ao lado dos imutáveis, encontraremos configurados valores e conceitos de valores, elaborados pelo próprio homem. Apresentam-se dentro de uma dinâmica de mutação contínua, podendo ser de acordo com a evolução dos tempos, superados, considerados nulas pela sociedade e pelos homens. Valores/novos surgem continuamente, saltando sobre a história.

Tais valores transferem-se no tempo, e como vimos, entram em choque com outros que surgem ou modificam seus próprios conceitos. Ao começar o choque, enfileiram-se uns para defender a manutenção e mobilizam-se outros para a tarefa restauradora ou radicalizadora da mudança. Desdobra-se/assim, a movimentação da nascença do mecanismo reacionário ou revolucionário. Ao radicalizarem-se os grupos, vem-nos o sinal que os antagonismos e contradições atingiram o máximo; consubstanciando-se o clima de crise aguda.

A realidade brasileira apresenta-se nessa fase, o mecanismo da formação reacionária, e revolucionária estruturou-se, começando a ganhar corpo a segunda, enquanto a primeira concentra-se em tentativa de amortecimento social, através de Institutos e outros órgãos que despertam a boa consciência cristã, rara a luta, mas que, não apresentando-se com ideologia estruturada; movimentando-se pelo automatismo da conservação de privilégios, vivendo no sobressalto da sobrevivência, com pulgas e mais pulgas atrás da orelha.

Ora, estamos em crise; existe o choque dos valores; entre os da realidade e o dos seus opositores. Em época como está, as consciências tornam-se extremamente sensíveis, à espera de uma explicação na base da verdade, da circunstância que envolve o ser enquanto nação.

Ora, o processo social encontra-se em precisa movimentação: caminha e em nossa mente vem a pergunta: para onde? Responderei: depende dos homens, de sua coragem, do testemunho de sua fé e de si mesmo; caso os cristãos entrem nós temos que a solicitação pede, em regime de guerra, então o futuro remoto da civilização brasileira será nosso; caso contrário, se insistirmos de enfrentar o canhão com bala U, então, desculpem mas esperamos outra coisa que não o comunitarismo.

Como se vê, uma gigantesca tarefa descobre-se a nossa frente; a construção de uma nova civilização, semeando por todos os cantos da crise valores cristãos, a fim de podermos dizer: "participamos da luta, combatemos o bom combate, por obra e graça de nossa fé, aceita até seus últimos/termos, não traímos o Cristo, forjamos uma nova civilização, a civilização da boa nova".

A realidade é de crise, crítica nos múltiplos termos de sua equação; delibera-se agora, a sorte de uma civilização em nossa Pátria; ou morre o homem com os paliativos, com os paliativos do sistema vigente, ou se estrutura, se desenha e se pinta, segundo as nuances do Cristo, uma nova civilização com sua consciência firmada em bases da redenção; nossa tarefa é esta - insisto: promover a reconciliação dos homens em termos universais e colocar as bases de uma civilização talvez modesta em sua complexidade, mas civilização do homem coordenado, e dimensionado no irmanamento de uma vivência comunitária, estrita em tórnos de solidariedade; caso alguém fuja à luta, será proclamado traidor do Cristo; a permanência do capitalismo inautentica as posições por nós assumidas, mas dá-nos um crédito: firmeza de que procuraremos em seus termos mais restritos, fornecer uma resposta para a desalienação do homem, da cultura, da essência mesma da ordem atual das coisas.

P R O C E S S O   D E  
P O L I T I Z A Ç Ã O

Devemos, como primeira coisa a fazer, definir a Politização. Em última análise, será um processo educativo destinado a formar consciência crítica da realidade. Um ponto mais dinâmico, incorpora-se à própria definição, pois o processo levará o homem ao engajamento para a transformação radical da realidade.

Evidentemente, será necessário um processo para chegar-se a isto. Ei-lo:

O homem brasileiro colocou-se através do tempo, dentro de uma série de condicionamentos, que terminaram por fixar valores em sua mente, havendo a sedimentação cultural, que o faz agir em tempo presente, com padrões predominantemente passado. Ora, isto provoca intenso conflito dentro da realidade, pois para a problemática do presente, apresenta-se a solução passada: o homem está, totalmente afastado do processo que atravessa a Nação, e, para que a maior parte desta não continue alienada, é mister colocá-la no âmago da movimentação histórica, fazendo com que deixe de ser parte condicionada para ser força condicionante.

Para haver a desalienação, é fundamental a existência da consciência crítica; consciência em termos de compreensão do agora e da vinda / pela formação histórica.

Ora, contra os valores antigos, informadores do padrão de ação, há que se lançar valores novos; tais valores entrarão em choque com os antigos, criando uma espécie de crise cultural interior.

Evidentemente, parar por aqui, seria incorrer no perigo da an-gústia. Deverá então, haver um processo de esperança que deve caminhar, / circulando, ao choque de valores; esperança que o fundamental na existênci-a de todo e qualquer movimento revolucionário.

Os valores lançados farão parte de um todo coerente, ~~de uma ideologia.~~ ~~Em todo caso, procuraremos dialogar, através de uma ideologia /~~

Havendo a formação da consciência crítica da realidade, pela i-dentidade de fins, ela terminará por unir-se a outra, com as mesmas conce-pções e finalidades, terminando por encontrar-se desta forma, movimentan-do-se no espaço social um imenso grupo de pressão, tendente a romper as / estruturas e institucionalizar o corpo de idéias.

Por princípio lógico aparecerá um grupo informado por objetivo / contrário, que tentará impedir o rompimento da crosta. Temos então que as contradições sociais atingirão um clima máximo, passando-se do período de fermentação revolucionária, ao da luta, pròpriamente dita.

Em se tratando de Brasil, em tal hora, surgirá uma tentativa de processos de acomodação com a realização de sistema paliativo. Ora, tal / nada significará para o grupo, tendo em vista não ter sido institucionali-zada suas concepções... prosseguindo a luta até haver ganho efeito, a / transformação desejada. Caso não advenha o paliativo, pode-se pensar que / apareçam as seguintes implicações:

A fase de fermentação revolucionária era unicamente existente / em termos de vida na problemática, agora tem-se a vida na problemática a-liada à consciência crítica. Por outro lado, o homem torna-se demasiada-mente complexo e, pela manutenção do status que, estará pronto a respon-der de maneira complexa ao que se manteve simples, continuando o estrangulamento pela realidade, e não extravasamento, em sentido de rompimento des-ta mesma realidade. Isto trará uma multiplicação estrondosa da fermentação, podendo levar a um autêntico movimento de legítima defesa popular.

As coisas poderão, assim, tomar rumos imprevisíveis, à medida que quem desencadeou o processo; omitta-se frente a resposta do próprio desafi-o que formulou.

Vem agora, o problema do sectarismo na politização; sectarismo // configurado no unilateralismo:

De modo claro, os "aliados fundamentais" da revolução brasileira / são as classes que constituem o polo dominado. (Falo em revolução porque / entendo evolução no Brasil, a parte de um sistema capitalista, ou mesmo no / capitalista, que se nota crescer, mormente pelo afã desenvolvimentista; en / quanto o que queremos é a construção de novo sistema de vida, baseada no / comunitarismo, partido do homem-social-integral, indo até às consequências / na propriedade). Por simpatia, e inclusive por comodismo, a eles voltamos / nossos olhos, esquecendo de que, todos os homens são membros de um mesmo / corpo, e em si, recuperáveis.

A solução violenta é excessão; a revolução pacífica a essência / da politização.

E' necessário que se cuide de um processo de politização, desti- / nado ao polo dominante, dialogando-se intermitentemente, em torno de uma i / deologia, para libertá-lo da mentalidade materialista que o circunscreve.

Se levantarmos uma classe, é necessário que se ensine outras a / descerem; isto para a reconciliação e irmanamento da humanidade, / seguindo-se o plano de Deus. Ora, tal procedimento, por ser correto, nos / livrará de uma omissão, que se evidencia dolosa.

O grupo de pressão, <sup>(um grande grupo)</sup> tendo em vista a dinâmica revolucionária ser / global, deverá ser formado em todo território nacional. Não se pode conce- / ber modificações total, dentro de quadros unicamente estaduais, ou mesmo / regionais: ou nasce algo nacional, ou não se verá o fim. Grave problema, se / rá o da ideologia deste grupo. <sub>(neste grupo -> e. franco ...)</sub>

Sério problema, se nos parece o lançamento de valores cristãos, / pois poderemos cair no campo do imperialismo. Tais valores devem ser acei- / tos e não impingidos; a própria verdade, por ser tal, apresentou-se em diá / logo com o homem, através do livre arbítrio concedido. Assim, temos que nos / manter em permanente diálogo com o povo, para não falsearmos o princípio / da verdade, bem como para realmente, sermos povo na crítica à realidade.

Partindo do ponto povo, há de se voltar ao lançamento dos valores / para se ter em conta, a impossibilidade de não existência de valores autê / nticos na cultura brasileira. Estes existem e devem ser mantidos para que , / inclusive, não haja uma dominação <sup>ou uma elite</sup> ~~nossa, como elite~~ que somos.

Existe a possibilidade de reversibilidade da consciência crítica / contra quem a formulou. Bem, vejamos como se processará.

Lógicamente, não só os cristãos querem a modificação da realida- / de; o marxista em suas próprias bases o quer, e até o próprio neo-capitalis

ta. Advém que, quando formos dialogar temos de apresentar os pontos de vista principais. Notem: ao ser formulada uma "consciência crítica", única - mente ouvindo falar de soluções cristãs, quando for entrar em diálogo // com outra, tomará conhecimento da pluralidade de pensamento, e voltar-se-á contra quem a formou, pois edificados em bases antirosas. Daí, emergirá por projeção, uma revolta contra o próprio cristianismo.

Deixarei de lado o grupo de pressão e tomarei tipos, instrumentos e sistemas de politização:

Até agora, diviso dois tipos que são: de base e complementar. / No primeiro, temos a etapa de formação da consciência crítica e no segundo, estímulo para o movimento do grupo de pressão.

Os sistemas, também, estão subdivididos em suas partes: instru-mental e por contato pessoal. No ponto primeiro, existe a predominância / no processo, de instrumentos, no contato pessoal, a aproximação física e social dos dialogantes, em termos de contato primário.

A diversidade dos meios é algo patente. Citarei apenas dois: - teatro-fantoches e pessoas; imprensa - falada e escrita;

Estes instrumentos devem ser utilizados, segundo métodos pedagó- gicos que permitam a eficácia da compreensão da mensagem.

Reputo como de fundamental importância, o entrelaçamento do pro- cesso educativo com o folclore. Realmente, não fiz estudos sistemático sô- bre tal item, mas tomo a liberdade de fazer algumas considerações:

O povo, através dos tempos, veio formulando seus próprios canais de comunicação. Estes canais são encontrados dentro da noção de cultura / popular. O aproveitamento do lore nos permitirá entrar em contato decisi-vo, sem meios artificiais, com a consciência popular, posto que em suas / fases. Por outro lado, se nos entrelaçarmos com o folclore, perde grande par-te de sua intensidade, o perigo de criarmos artificialismo e, inclusive, / talvez seja desmanchada a possibilidade de marginalismo cultural. Conside-ro de máxima importância tal fato, pois é condição para a não desorganiza-ção ou desintegração do processo de politização.

Atentem bem: o homem encontrava-se mergulhado na ignorância; ad- quiriu conhecimentos "haverá algum com inteligência superior" este que tem inteligência um pouco mais desenvolvida, com toda a certeza irá sobressair -se. (À primeira vista se pensará: é um líder; raciocínio falho). Caso // não tenha qualidade de liderança, haverá um conflito entre eles e os ou- tros. Ora, este indivíduo não se entrelaçará em nenhum esquema; logo, será / nada em termos de politização: houve distanciamento social que antes não / havia.

Dai, perde-se a possibilidade de um líder e talvez, o objetivo do grupo se já um pouco esquecido, à medida que haverá luta interior.

Creio que a fundamentação da consciência de origem comum, através de ensinamentos ordinários e do próprio folclore, impedirá que o homem se distancie pelo artificialismo.

Tendo outro ponto por base, veremos que: se o povo está à mostra nas manifestações folclóricas, e se criou canais de comunicação que lhes são próprios, o diálogo poderá ser estabelecido com mais facilidade, se andarmos pelos caminhos populares.

Os pensadores apontam diversas secções no lore. Colocá-las aqui, será desnecessário e enfadonho, desde que partem de concepções rigorosamente científicas, e ter-se-ia que tentar criticá-las. Vamos nos esquecer das colocações acadêmicas, como as de Nutt, Hartland, etc, para nos ater ao que chamo canais de comunicação e que estão à mostra nas diversas secções.

Teremos então as lendas, adivinhações, etc... A eficiência do diálogo será melhor realizada, à medida que se faça o povo comparar, tendo como ponto para analogia, suas próprias coisas. Vem-nos então que a literatura oral é um destes canais, bem como literatura de cordel e outros.

Partirei agora, para uma série de sugestões para o início de um processo de politização. Tomarei, primeiramente o por contato pessoal.

A prática tem apontado que é este o método mais eficaz.

Para dar início ao processo, que seja por meio direto ou indireto, tem que se constituir uma equipe; trata-se de ponto básico. Tal equipe deve ter um número de membros efetivos e outro de colaboradores. Deverá haver uma linha de estudos para que o trabalho ganhe profundidade. Ao se notar capacidade, realmente, firmada, parte-se para o trabalho. Evidentemente, ninguém vai esperar um grau utópico de sapiência.

Com pessoal e material organizados, estuda-se a realidade estadual, tendo em vista escolher uma área piloto onde o processo será deflagrado. Na escolha de tal área, devem ser encarados diversos aspectos: proximidade, acesso, condições materiais, condições sociais...

Estabelecida a área-piloto parte-se para contatos com líderes locais, explicando o processo, não pedindo colaboração, mas colocando as coisas de tal modo, que nasça um movimento de responsabilidade. Contato mantido, pontos firmados realiza-se  cursos para formação de líderes, tendo em vista a politização. Estrutura-se com isto, o Comité de politização que tem por objetivo coordenar o processo na área.

Já com este Comité formado, passa-se então, a dividir a área em setores que devem ficar sob a responsabilidade de um membro ou de muitos. Isto feito, passa-se a realizar um pequeno inquérito para atestar nível / de mentalidade, nível de conhecimentos da realidade, ... Reputo este in-  
\* 5  
querito como peça imprescindível. Nós no Rio Grande do Norte realizamos / um curso sem previamente, termos feito a pequena pesquisa. Resultado: fa-  
lamos e falamos sobre problemas políticos, econômicos e sociais. Realiza-  
da avaliação na área constatamos que de 30 pessoas, somente cinco sabiam / quem era o Presidente da República.

Feito o pequeno inquérito, conhecendo-se assim a mentalidade, os pontos mais fracos na observação da realidade, parte-se para ministrar o processo educativo que deve contar, na dação das aulas com um bom número / de pessoas da própria comunidade.

Nestas aulas devem ser empregados recursos tais, que realmente / a mensagem seja compreendida, acredito mesmo que a esponja e o giz falha-  
rão. Uma aula deve ser algo tão movimentado, que permita uma participação / do começo ao fim; posto que esta participação, na verdade, será um diálo-  
go. Penso ser o emprêgo do teatro, tanto de pessoas como de fantoche indis- pensável; diversas publicações devem ser postas à venda; devem ser insta-  
ladas aulas  
recursos  
lada uma biblioteca em cada setor...

A medida que se atingir uma determinada etapa, previamente fixa da, um teste deve ser feito; deve ser instituído um clube e de debates on  
de cada um apresentará um tema para ser discutido pelos outros.

As caravanas terão demasiada influência no caso. Não falarei ne-  
las, porque tenho conhecimento através de um plano de Osmar, e êle irá, / com toda a certeza, pois é indispensável, apresentá-lo.

Temos uma experiência deste tipo na Cidade de Ceará Mirim. Esco-  
lhemos esta cidade pelo fato de contarmos com bons líderes, e ser dona de uma estrutura social cristalizada, sendo extremamente difícil rompê-la.

Acho <sup>a multiplicação</sup> totalmente discutível o emprêgo do processo de massa. /  
Apresenta-se a <sup>por</sup> contato pessoal como a que se reveste do caráter ideal. /  
Penso que a instrumental ou indireta será a solução para o Brasil. Realiz-  
amos uma experiência em Natal que deu resultados satisfatórios, mas não /  
foi bem explorada.

Penso que a solução para o Brasil rural - notem bem que falo pa-  
ra MEB - será a instalação, paralelas às escolas radiofônicas, de um nú-  
cleo rural de politização, mantido e dirigido pelo rádio, com monitores /  
treinados. Realizaremos, em janeiro, uma experiência piloto numa Fazenda,  
para isto convidaremos duas ou três pessoas que nos queiram ajudar, para /  
teorizar tal ponto, e inclusive levá-lo à prática para que possamos medi-  
la em profundidade.

O processo de politização de maneira indireta, tem no princípio, as mesmas implicações que o por contato pessoal. Daqui a pouco, apresentaremos uma aula gravada.

Já se nota que publicações, jornais, boletins têm que circular / constantemente. Inclusive será bom, que nas bibliotecas se coloquem jornais Rio, São Paulo, Pernambuco e se faça com que o povo debata notícias / e comentários, em praça pública. De fundamental importância é imprensa falada. Temos em Natal, o informativo Rural que seleciona os fatos principais do dia...

Paro por aqui, porque Nazira Vargas, elemento da nossa equipe irá apresentar a prática.

A constituição de um Comité de Ação Política que abranja toda a comunidade é indispensável, será a canalização do grupo de pressão em uma espécie de órgão cujo sentido orienta-se na militância política.

Um processo revolucionário e efetivamente terá seus dirigentes, ou seus condutores. É lógico que a espontaneidade por si só, não conseguirá modificar a realidade. Quadros revolucionários tem que se estruturar, para funcionarem como corpo opressivo e, posteriormente, na fase de consolidação do regime, realizar o poder com dignidade.

Estamos estudando o caso do Comité de Ação Política, inclusive, poderemos enviar ao MEB os resultados.

Terminando, gostaria de dizer que é imprescindível sair-se de Recife, com pontos básicos para a observação da realidade. A partir disto é que teremos um processo global de revolução no Brasil. Se passarmos para um ponto de esfacelamento da união de um sistema como o do MEB, estaremos, por dissolução de forças, inclusive embora sem sentir, articulando um esquema de reação.

Muitos irão pregar o cartão de comunista no processo e de processo comunista; outros atacarão por esquerdista; e inclusive seremos também direitistas. A medida que pensamos nestas coisas, cada vez mais iremos // nos esquecer do objetivo central que é o cristianismo. As divergências / quanto as denominações são todas artificiais, porquanto não atingem a essência: Cristianismo é um, e este que é, apresenta-se como força capaz de gerar a revolução. "Cristianismo" pactuado ou pactuante com o Brasil de hoje, em termos de aceitação, é traição do Cristo. Existe uma tarefa; existe uma revolução, existe necessidade profunda de fé; e, inclusive, de aceitação das pessoas humanas nas próprias bases em que se colocam. Fugir disto, será trair a época, trair a história, trair aos homens. E trair aos homens é grande ofensa a Deus.

Natal, 22 de novembro de 1962.

Serviço de Assistência Rural - S<sub>o</sub>tor de politização.

LUIZ SÁVIO DE ALMEIDA

e/l/f.-

## QUESTIONÁRIO

Luiz Sávio de Almeida

1. A politização sendo processo educativo deve levar uma mensagem. Será uma:
  - . Filosofia - ideologia?
  - . Confessional ou não?
2. Poderemos aproveitar valores de uma ideologia marxista?
3. É possível precipitar etapas num processo de politização? Não tendo o grupo politizado delineado os caminhos, não seria levar à revolta?
4. Além do processo de politização não se deve formar uma elite agressiva?  
Esta elite deve ser composta de politizados camponeses, operários, ou somente de intelectuais?
5. Será apenas o grupo IEB que fará politização?  
Caso outro grupo inicie uma linha de politização diferente da nossa, qual será nosso papel?
6. Estaria o IEB correndo o risco de fazer um imperialismo orientado?
7. Quais os instrumentos que você acharia mais urgentes para empregar no processo? Exemplos.

## Colocações finais sôbre o tema

### PROCESSO DA CONSCIENTIZAÇÃO

1) Entendemos por conscientização um processo educativo destinado a formar no homem a consciência histórica, a partir de uma consciência crítica da realidade. Este processo é dinâmico e deve levar o homem a engajamentos que visam a transformação radical dessa realidade.

2) A conscientização, sendo um processo educativo, deve levar uma mensagem. Toda mensagem é informada por valores. A conscientização deve, pois, ser informada num corpo coerente de valores. Tais valores universais, explícidos pela consciência histórica atual, não serão-isso é importante impingidos, mas pelo diálogo e pela ação refletida, serão descobertos em conjunto com o grupo que se está conscientizando.

Concomitante a este processo de conscientização, ir-se-á formulando, de modo cada vez mais explícito, uma ideologia, a qual procurará institucionalizar os valores escolhidos. Esta ideologia não pode ser confessional, pois ela pretende dirigir-se a todos os homens.

3) Podemos aproveitar valores de outras ideologias, mesmo de uma ideologia marxista, pelo simples fato de nelas encontrarmos valores universais. Esta constatação não exclui que alguns desses valores encontrados possam e devam ser mais explicitados.

4) Entendendo " precipitar etapas " não como pular etapas, - mas acelerar o processo da história, pode-se e até deve-se precipitá-las, desde que os caminhos estejam delineados. É imprescindível que haja equilíbrio entre a necessidade de precipitar etapas, mesmo acarretando imperfeições, e as consequências de uma massificação, justificada pela urgência de processo. O momento histórico indicará o ritmo da conscientização.

É importante, ainda, considerar que o " precipitar etapas " não depende apenas de nós ou de um só Movimento; há outras forças atuantes.

Não será apenas o MEB que fará um trabalho de conscientização. No caso de outros grupos iniciarem um trabalho dessa natureza numa linha diferente da nossa, caberá ao MEB procurar entrar em conta-

to com êsses grupos e estudar as possibilidades de uma ação conjunta, desde que não haja incoerência com sua orientação.

5) Além do processo de conscientização, deve-se procurar formar uma elite agressiva. Esta elite deve caminhar, necessariamente, para ser integrada pelos conscientizados: camponeses, operários etc...

Ainda a propósito do tema conscientização e a fim de se examinar a responsabilidade do MEB nesse campo, surgiram duas questões importantes, ligadas ao desencadeamento de um processo de conscientização por um Movimento diretamente dependente da hierarquia:

1º) Deve o MEB permanecer oficialmente sob a responsabilidade e a orientação do Episcopado?

Num encontro como o de Coordenadores Estaduais do MEB nenhum assunto deve ser considerado tabú. É importante e inteiramente positivo que tôdas as dificuldades sejam formuladas e discutidas, já que o diálogo é um primeiro passo para o esclarecimento de idéias. Mas uma pergunta se impõe: Será já a hora de chegarmos a uma conclusão amadurecida?

Em muitos sistemas o MEB tem o problema de ser apresentado como confessional, por outro lado, o Decreto Presidencial não o apresenta como tal. Estaria por acaso, implícito o seu reconhecimento como confessional, desde que o Decreto autoriza a CNBB a promover um Movimento de Educação de Base?

Não seria o caso de estudarmos o assunto sereno e mais profundamente, encaminhando nossas reflexões e sugestões à hierarquia, a fim de que repense o MEB conosco?

2º) O MEB deve ser confessional ou não?

"Que é, com efeito, "confessional" ? É aquilo que é relativo a uma profissão de fé, a uma crença. Confessional será toda entidade de religiosa ou mesmo profana, desde que esta seja posta diretamente a serviço duma crença. Assim, haverá em certos países uma escola confessional, um sindicato confessional, isto é, entidades em si "profanas", mas assumidas por uma religião para servir aos seus aderentes.

O MEB é isto? Parece que não. O fato de ser promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (que é, evidentemente, ela, uma entidade confessional) não faz do MEB, necessariamente, um movimento estritamente confessional. É uma atividade que sai do impulso apostólico e da caridade da hierarquia católica e dos seus colaboradores, todos solícitos do estado subumano em que jaz o nosso homem do campo - nas vastas áreas básica, visando alfabetizar e dar educação sanitária, iniciação agrícola, educação cívica e política, informação profissional, possibilitar a promoção social (conforme o art.2º do regulamento do MEB).

Dir-se-á que, todavia, o que a CNBB visa, em última instân -

cia, é a evangelização, logo uma atividade formalmente confessional. Não negamos. Mas é preciso distinguir: embora seja a Educação de Base uma "exigência de evangelização", não é ela mesma a evangelização. Seu objeto formal, que define a sua natureza e determina especificamente as suas atividades, é a humanização do homem espoliado, qualquer que seja a sua crença e posição, do nível mínimo de humano. Não é o MEB que evangeliza, estritamente falando. A ação de católicos deverá sempre emergir de profundezas muito sobrenaturais e das fontes do Evangelho. Mas podem perfeitamente, como é o caso das do MEB, ser, em nível humano, independente da razão da fé e válidas na sua linha própria, que é em si "profana". Por isso é que, nos termos dos vários Convênios assinados, as atividades são explícitamente entendidas como a-confessionais, qualquer que seja a razão profunda de amor sobrenatural que as informe por dentro. "Parecer dado por (Dom Timóteo osb).

---

Material não destinado a divulgação

ENCONTRO DE COORDENADORES DO MEB

RECIFE 5 a 15 de dezembro 1962